

## Inverno e frio: pontos de vista

Por: Maria Clara Lucchetti Bingemer

O inverno começou mais cedo este ano no hemisfério sul. Desde abril as temperaturas baixam e parece que o friozinho, embora com algumas remissões de ondas de calor que vêm interrompe-lo, parece ter vindo para ficar.

Isso leva o brasileiro a tirar do armário as roupas elegantes, de lã, couro. Casacos, botas, cachecóis, aparecem ou são adquiridos a peso de ouro nos shopping centers refinados. Por outro lado, os programas a fazer também mostram novas opções: ir para a serra, comer fondue, tomar vinho, são coisas que só têm graça se fazer no inverno.

E isso faz a classe média e alta fervilharem de excitação, enquanto se preparam para correr ao encontro dos prazeres que as baixas temperaturas trazem e mudar sua rotina em função delas e das novidades que trazem para a vida de cada dia.

Há, porém, um outro lado do inverno. O daqueles que não têm casa nem lugar para morar e devem dormir sob a intempérie, sobre papelões espalhados pela calçada, cobrindo-se precariamente com pedaços de pano que conseguem encontrar em latas de lixo ou recebem da caridade de alguém.

Sem poder alimentar-se decentemente, vêm sua saúde já precária baixar suas defesas ainda mais, ficando desnutridos e expostos a todas as doenças possíveis e imagináveis e não encontrando abrigo eficiente contra o frio cortante que lhes penetra até o fundo dos ossos e enregela seus membros e articulações.

Há muitos anos, uma mulher paulista que residia no Rio de Janeiro, sentiu seu coração se apertar ao constatar a situação dos pobres no inverno. E lançou então uma Campanha: a Campanha da Lã, que tinha como tema: “Agasalhei um pobre este inverno.”

Mulher culta, educada, refinada, Maria Cecília Duprat teve começos difíceis em sua campanha. Era complicado chegar aos fornecedores, conseguir doações. Pouco a pouco, ajudada por algumas amigas fiéis, igualmente preocupadas como ela, com a situação em que ficavam os pobres sem agasalho durante as baixas temperaturas, foi ampliando a Campanha, que passou a não se restringir mais apenas ao Rio, mas a atender famílias, hospitais, clínicas e obras sociais em todo o território nacional.

Lemro-me dela ainda, sempre penteada, com um sorriso nos lábios, arrumando os cobertores e agasalhos em fardos que deveriam depois ser distribuídos por caminhões. Tinha uma fé inquebrantável e às vezes uma aquisição que havia sido feita e ainda não coberta por doações que não chegavam era alavancada a poder de orações. E nunca faltou agasalho para os pobres que deviam ser atendidos e aumentavam a cada ano.

A idade foi chegando e a Campanha teve que passar para outras mãos. No entanto, sempre o nome de Maria Cecília era lembrado com carinho, como tendo sido a fundadora de tão nobre iniciativa.

Hoje, enquanto curtimos um friozinho diante de uma lareira, comendo fondue e tomando chocolate quente, bebendo vinho e dormindo em chalés de madeira com cobertores forrados de pele animal, podemos olhar para essa mulher e seu testemunho.

Poderia ter ficado em casa, desfrutando das benesses de sua condição

econômica. Poderia ter usado os agasalhos que possuía em abundância, viajado pelo mundo, sem se preocupar com um problema que podia amenizar, mas não resolver.

No entanto, levou a sério o mandato evangélico que diz: “Estava nu e me vestiste”. Não conseguia sossegar enquanto houvesse um ser humano sentindo frio e não podendo agasalhar-se. E sem se preocupar se sua campanha ia ou não ter impacto estrutural, não esmorecia na caridade que lhe enchia o coração de alegria e a casa de agasalhos que depois seriam doados e minorariam o frio de corpos e almas.

Que a nossa curtição do inverno tenha algo também de preocupação com aqueles que, enregelados, não têm como cobrir-se e que o exemplo de Maria Cecília possa continuar frutificando e inspirando a muitos e a muitas hoje como ontem.